

# Universidade e pendularidade: experiências espaciais na transitoriedade estudantil para o campus X - UEPA/Igarapé-Açu (Pará - Brasil)

*Felipe Ferreira Moreira*

da Universidade do Estado do Pará

Igarapé-Açu – Pará – Brasil

ffm\_kimera@hotmail.com

---

**Resumo:** No município de Igarapé-Açu (PA), está localizado o Campus X, da Universidade do Estado do Pará, para o qual, universitários empreendem a pendularidade como acesso ao Ensino Superior. Para entender a realidade da migração estudantil, diversas pesquisas a enfocam pelo viés que leva em consideração relações socioeconômicas que envolvem diretamente a busca pelo mercado de trabalho. Entretanto, buscando os significados das experiências estudantis em uma espacialidade onde o Campus Universitário assume um papel primordial, tracei como objetivo principal compreender as experiências de estudantes-migrantes com o espaço de chegada-partida-chegada pendular em Igarapé-Açu, o Campus da UEPA. Utilizando o método fenomenológico, entrevistei quatro estudantes-migrantes para entender como a pendularidade implica nas significações das experiências destes estudantes-migrantes com o espaço universitário. Os relatos manifestaram um misto de simbolismos em torno do Campus como espaço lugarizado/deslugarizado, rearranjando não apenas afetividades e/ou repulsas, mas os sentidos que os migrantes colocam como fundamentais para o presente e futuro. A pendularidade termina por espacializar um cotidiano com percepções de união e separação na relação dos universitários com referenciais espaciais, esperança e angústia ante a rotina transitória, possibilidades e limitações do espaço universitário pela ótica de estudantes que fazem dele um local de significados por toda uma vida<sup>1</sup>.

**Palavras-Chave:** Pendularidade; Estudante-Migrante; Espaço Universitário; Igarapé-Açu.

---

## Introdução

“- (...) mas diga-me retirante,  
sabe benditos rezar?  
- (...) nunca aprendi as rezas,  
sei somente acompanhar.  
- Pois se o compadre soubesse  
rezar ou mesmo cantar,  
trabalhávamos a meias,  
que a freguesia bem dá”.

(Morte e Vida Severina – João Cabral de Melo e Neto)

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de aprofundamentos e desdobramentos nas discussões presentes em: “Vivências e experiências pendulares: Lugares e deslugares na migração universitária para o Campus X - UEPA/Igarapé-Açu (PA) - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade do Estado do Pará, Igarapé-Açu, 2015, que contou com orientação da Profª. Msc. Laís Rodrigues Campos, e co-orientação do Prof. Msc. Wallace Wagner Rodrigues Pantoja.

Quantas vezes ao longo de nossas vidas, fomos, somos ou seremos inqueridos tal como o personagem “retirante”, da obra citada acima? E se não soubermos “rezar ou mesmo cantar”, o que se pede em tempos onde, segundo Damasceno (2003), há intensas demandas por uma reestruturação das/nas relações de trabalho, exigindo mão de obra qualificada e polivalente? Grandes contingentes populacionais se veem às voltas, por vezes, com a falta de acesso a setores que ajudariam a alcançar condições necessárias para responder a este cenário de cobranças em seus municípios de moradia, como por exemplo, o setor educacional.

Uma das alternativas para romper com esta limitação gira em torno do fenômeno da pendularidade, abordada por Marandola Jr. e Ojima (2014) em dois âmbitos: uma migração diária que envolve o ir-e-vir de pessoas entre cidades, formando uma bacia de empregos ou uma centralidade regional em torno de um polo para inserção no mercado de trabalho e consumo, e num outro âmbito, fenômeno que marca escolhas individuais e estilos de vida atuantes na estruturação do cotidiano dos migrantes pendulares. Logo, a pendularidade carrega consigo uma conotação que pode suscitar diversos sentimentos entre as pessoas que veem na transitoriedade diária de seus municípios, a possibilidade de enfrentamento de uma cotidianidade de limitações marcada pela falta de estrutura em suas cidades de domicílio.

É neste sentido que observei a realidade migratória vivenciada por um expressivo número de estudantes do Ensino Superior, moradores de diversos municípios de curta, média e longa distância em relação à Igarapé-Açu, situado na mesorregião Nordeste Paraense, no Estado do Pará (TOBIAS, 2003), onde há intenso movimento migratório estudantil devido à instalação do Campus X da Universidade do Estado do Pará (UEPA). O sentimento de buscar algo que exige a saída diária de suas cidades de residência pode despertar no estudante, perspectivas e sensações que vão de inserção nos mercados de trabalho até a reconstrução de suas percepções sobre sua espacialidade, os fenômenos e a vida.

Especificamente no tocante a este último âmbito, é perceptível que não se trata de uma análise que enfoque pura e simplesmente uma materialidade a partir de relações do/no mercado de trabalho, mas urge buscar os significados nas experiências estudantis de uma espacialidade composta pelo fluxo migratório para o Campus universitário. Na busca de tais significados a partir dos próprios estudantes-migrantes, foi inevitável me deparar com as percepções espaciais estudantis girando em torno do local que, afinal de contas, traduz de forma mais direta a possibilidade pela busca de uma melhor realidade socioespacial: O Campus da UEPA.

Desse modo, surgiu uma problemática necessária, mas ainda pouco colocada nas questões que envolvem as migrações estudantis: Quais os significados do Campus universitário para estudantes-migrantes que tem sua espacialidade (re)construída e/ou (des)agregada ante a pendularidade? Para responder a esta problemática, me propus a desenvolver esta pesquisa tendo como objetivo principal, compreender as experiências de estudantes-migrantes com o espaço de chegada-partida-chegada pendular em Igarapé-Açu, o Campus da UEPA.

Por constituir-se em um fenômeno que atua na transformação e reconfiguração do espaço geográfico, entendo ser de fundamental importância a compreensão do processo de pendularidade existente particularmente na região onde Igarapé-Açu está inserida, primordialmente a partir das experiências migratórias dos estudantes que preenchem de significados as trajetórias cotidianas. Neste sentido, apresentarei a seguir alguns recortes espaciais que ajudem a contextualizar o Campus, conjuntamente com o percurso metodológico utilizado para compreender este sentimento de buscar algo que exige a saída diária da residência rumo a outras cidades, mobilizando seus transeuntes não apenas fisicamente: mobilizam experiências socioespaciais que impactam diferentes espaços e vivências.

### **Percursos metodológicos e contextuais da pesquisa**

Para uma melhor apreensão da temática proposta nesta pesquisa, utilizei uma metodologia que pudesse levar à compreensão com abordagem qualitativa, julgando necessário antes de qualquer procedimento, consultas bibliográficas em livros, artigos e sites da internet, onde além de embasamento teórico-metodológico foi buscado dados do quadro populacional e educacional da região que abrange Igarapé-Açu. Foram consultadas também fontes secundárias disponibilizadas em documentos oficiais da administração do Campus X - UEPA de Igarapé-Açu, para uma ênfase na escala local da Instituição.

Tais dados recolhidos, porém, nesta pesquisa, não tiveram pretensão alguma de focar na construção de tabelas quantificando a migração universitária para Igarapé-Açu, pois o cerne é mostrar a intensidade da migração e a comprovação que a maioria dos estudantes do Campus não são nativos de Igarapé-Açu (Tabela 01), revelando a disparidade entre a quantidade de acadêmicos que são residentes e/ou “naturais” do município no qual se insere o Campus da UEPA e os migrantes que ou são oriundos de outros municípios,

mas por conta dos estudos moram em Igarapé-Açu, ou migram dos seus municípios de residência diariamente.

**Tabela 01** - Número de matriculados/matriculadas no Campus X a partir dos municípios de residência (2013 e 2015).

ANO DO LEVANTAMENTO	2013	2015
TOTAL DE ALUNOS ORIUNDOS DE OUTROS MUNICÍPIOS	199	366
TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS NO CAMPUS	324	576

Fonte: UEPA - Campus X/Igarapé-Açu (2013, 2015) – Adaptada pelo autor.

Neste quadro migratório, me chamou atenção em especial estudantes pendulares do Campus, em relação aos quais, a partir de leituras de referências, percebi que era possível desenvolver na pesquisa uma compreensão da migração em uma perspectiva fenomenológica. Todo trabalho científico é um empreendimento coletivo, porém, a reunião singular do que diz a coletividade sobre o tema ora proposto foi realizada por mim – sendo o meu interpretar, a minha intuição e o meu foco que servirá de guia do estudo, obrigando-me a assumir uma posição fenomenológica de primeira pessoa do singular na escrita deste artigo, posição de imensa responsabilidade numa singularidade concreta (NASCIMENTO, 2015).

Uma vez constatada a realidade de intensa migração que envolve o Campus universitário de Igarapé-Açu, delimitei as investigações da pesquisa em estudantes que realizam a migração pendular de seus municípios de origem residencial rumo à Igarapé-Açu, considerando juntamente com Merleau-Ponty (1999, p. 149), que visualizamos melhor o ser habitando no espaço a partir do seu movimento “porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original”.

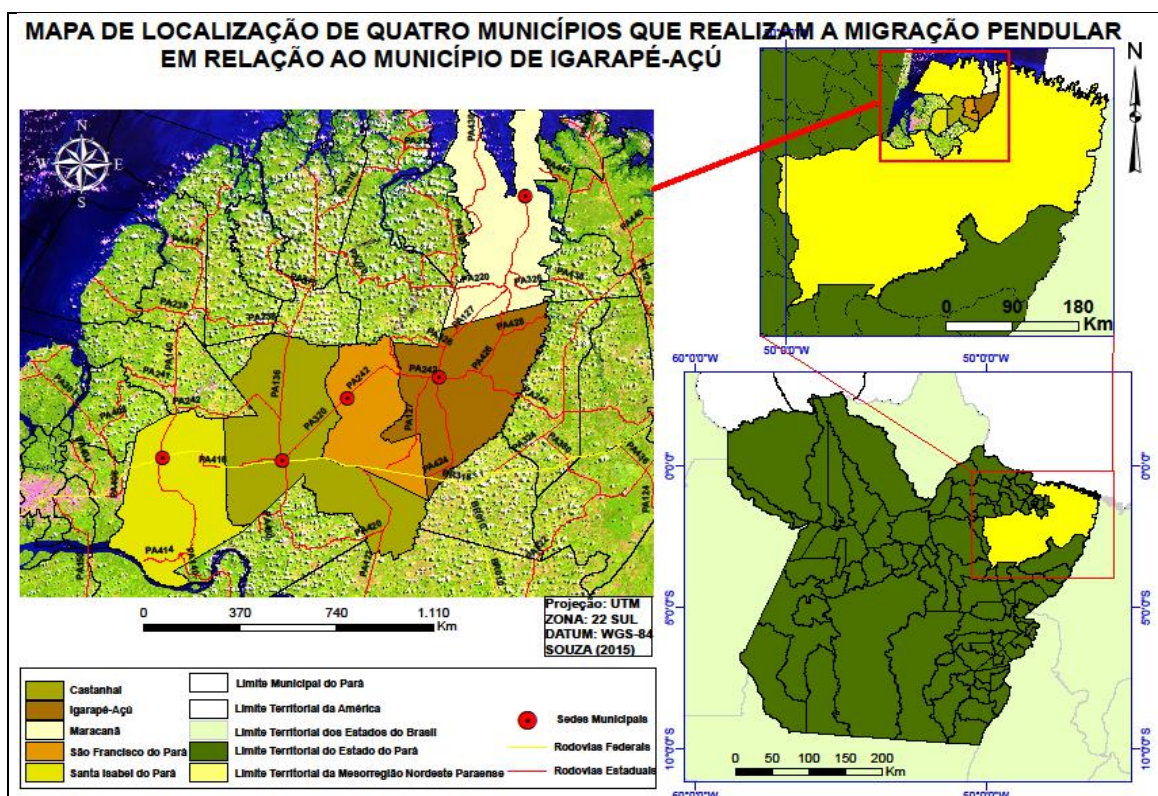
Para conseguir chegar o mais próximo possível do entendimento dos migrantes universitários sobre suas experiências e vivências migracionais a partir deles mesmos, elegi entrevistas abertas ou em profundidade com estudantes que vivem diariamente em trânsito para a UEPA de Igarapé-Açu. Na verdade, para além do termo “entrevista”, melhor seria falar de *conversas com finalidade*, classificadas como abertas ou em profundidade porque foram norteadas pela definição de Minayo (2009, p. 64), que as expõe como aquelas “em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões”.

Para seguir tal formulação, tentei me limitar o máximo possível a fazer perguntas apenas para iniciar o diálogo com os/as estudantes, prosseguir as conversas quando as entrevistas esgotavam certos assuntos e aprofundar outros questionamentos surgidos durante a fala de entrevistados e entrevistadas. O fato de estudar no Campus me ajudou a encontrar, contatar e ter certa confiabilidade com estudantes-migrantes da UEPA de Igarapé-Açu, a ponto de permitirem que nossas conversas transcorressem em suas residências, nos seus municípios de origem, com disponibilização de tempo o suficiente para não ocorrer retorno em nenhuma das conversas, um período que compreendeu do mês de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015.

Foram conversas com quatro estudantes-migrantes dos cursos de Geografia e Pedagogia envolvidos cotidianamente no fluxo migratório das cidades de Santa Isabel do Pará, Maracanã, São Francisco do Pará e Castanhal, um migrante por município, nomeados como estudante-migrante 1, 2, 3 e 4, acompanhando por meio das suas narrativas, suas experiências migrantes para o supracitado estabelecimento de Ensino Superior, mas em anonimato para evitar eventuais constrangimentos. Os quatro diálogos com estes estudantes-migrantes, se mostraram abrangentes o suficiente para os limites desta pesquisa e em relação às suas experiências migratórias, possível em uma perspectiva humanista/cultural em Geografia, porque temos em mente que:

(...) Uma geografia comprometida com aspectos universalizantes que abarcam a sociedade como um todo, eximindo os universos particulares dos indivíduos e grupos sociais, não pode dar conta de uma geografia genuinamente humana e pessoal, forjada por cada geógrafo informal em seu mundo vivido (...). Essa perspectiva, ao defender a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais, propõe uma compreensão do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (FERNANDES, 2014, p.78).

Por isso, mais que formular qualquer tipo de generalização quantitativa sobre o número de estudantes-migrantes entrevistados, o vital para a metodologia desta pesquisa, foi se aprofundar nas quatro narrativas para ter um aporte interpretativo mais denso sobre o fenômeno geográfico constituído pelo ato de migrar diariamente para Igarapé-Açu. Entrevistei quatro alunos e alunas, de quatro municípios diferentes, mas partilhantes em comum de uma vida transitada pelo emaranhado de rodovias que possibilitam a ligação diária entre as cidades de Santa Isabel do Pará, Castanhal, São Francisco do Pará e Maracanã com Igarapé-Açu, como podemos constatar no mapa 01, abaixo.



**Figura 01** - Mapa das ligações rodoviárias entre as cidades de Santa Isabel do Pará, Castanhal, São Francisco do Pará e Maracanã com Igarapé-Açu.

**Fonte:** Fabricia Souza (2015).

Das cinco cidades destacadas no mapa, Castanhal se destaca por ser considerada centro sub-regional e uma cidade média, tanto por conta do tamanho da sua população, em torno de 189.784 (cento e oitenta e nove mil setecentos e oitenta e quatro) domiciliados (BRASIL, 2016), quanto por apresentar âmbitos de polarização em relação a estrutura produtiva, mercado de trabalho e importância política na região (TRINDADE JR, 2011).

Já os municípios de Igarapé-Açu, com 21.207 (vinte e um mil duzentos e sete) habitantes, São Francisco do Pará, com 15.380 (quinze mil trezentos e oitenta) habitantes, Maracanã, com 28.656 (vinte e oito mil seiscentos e cinquenta e seis) habitantes e Santa Isabel do Pará, com 66.490 (sessenta e seis mil quatrocentos e noventa) habitantes (BRASIL, 2016), são taxados como cidades de porte pequeno quando levamos em consideração os parâmetros populacionais do IBGE. Destas, apenas Igarapé-Açu possui instituição de Educação Superior regularizada e efetivamente autorizada a funcionar pelo MEC, no caso, o Campus X da UEPA (BRASIL, 2015).

A compreensão desta espacialidade tem efetiva relevância neste contexto de intensa transitoriedade, visto que, na busca de melhor qualidade de vida, a pendularidade é um fenômeno comum e cotidiano entre inúmeras cidades paraenses atingidas por uma ínfima e desigual distribuição de equipamentos públicos na área da educação. Neste sentido, para melhor pensar este contexto, julguei necessário abordar algumas considerações em

relação ao fenômeno da migração estudantil, para então começar a desvelar as dimensões simbólicas da realidade migratória que envolve o Campus da UEPA de Igarapé-Açu, no qual vidas se desorganizam e reorganizam em viagens transcorridas dentro de um constante fluxo entre cidades.

### **Abordagens migratórias, abordagens estudantis**

O ato de migrar manifesta-se como um fenômeno que pode possibilitar caminhos para responder a certos clamores do mundo à nossa volta, com exigências por habilidades, competências e aptidões em diversos âmbitos de nossa vida. Neste sentido, ser migrante, em tese, permitiria sermos tudo que precisamos na busca por encontrarmos estabilidade em nossa própria sobrevivência socioeconômica, familiar, pessoal, etc. Para melhor compreender este âmbito migratório, corroboro com Marandola Jr. e Dal Gallo (2010, p. 409), os quais explanam que os mais diversos fluxos na contemporaneidade precisam ser entendidos em uma perspectiva onde:

(...) migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de redefinições das territorialidades, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados. Que significa, para a constituição da identidade e do eu, o rompimento da ligação original ser-lugar-natal? Em termos ontológicos, há um abalo na segurança existencial e na identidade territorial que precisam ser compreendidos como elementos centrais do processo migratório.

Em se tratando especificamente da pendularidade, não se tem um “um rompimento da ligação original” de forma definitiva, mas as perspectivas existenciais dos migrantes pendulares não são menos abaladas, urgindo deslocar as análises sobre este fenômeno de meros reflexos da produção material da sociedade, para questões que levem em consideração variáveis próprias, como condições de produção e construção de significados (MARANDOLA JR.; OJIMA, 2014). Por vezes, são reconstruções fomentadas na e pela travessia diária, com metas e objetivos traçados por vezes, de maneira alheia às “vozes” e “olhares” migrantes, pois estas perspectivas são esmagadas por uma verdadeira convocação a se enquadrar e, até mesmo, se vilipendiar no seu íntimo por condições e fenômenos que substanciam o que outros consideram “ser alguém na vida”.

Com as dimensões espaço-existenciais<sup>2</sup> dos grupos migrantes num verdadeiro ir-e-vir para encontrar seu lugar-no-mundo, as relações surgidas em torno do que se considera

---

<sup>2</sup> “Esta dimensão está no cerne das reflexões dos geógrafos humanistas, sendo ela considerada essencial para o entendimento do nosso ser-no-mundo. Pensamos que esta dimensão é fundamental para a compreensão da migração como uma questão ontológica. (...) A discussão sobre o migrar pode se tornar mais plena quando partimos do entendimento do ser. Pois afinal de contas, o âmago das implicações e questões que brotam do fenômeno migratório está no migrante, no ser migrante” (DAL GALLO, 2010, p.14).

ser residência, lar, local de trabalho e/ou estudos, e até mesmo os transportes coletivos que possibilitam a mobilidade, estão sendo constantemente impactadas pela transitoriedade. É uma vida pautada pelo constante movimento que pode se tornar de tal modo transversal na vivência migrante das populações, que estas podem criar os mais diversificados vínculos e significados introspectivos com os fixos e fluxos perpetrados pelo migrar, fomentando percepções que vão de ter um abrigo que considerem seguro e/ou no qual se reconhecem, até sentimentos de repulsa e/ou austeridade meramente funcionalistas com os locais da vida diária.

É neste imbricado de cobranças internas e externas, que destaco um tipo de população migrante que suscita compreensões e questionamentos próprios: como reage especificamente o estudante ante a complexidade de um fenômeno que exige ir-e-vir constante e reestruturação do cotidiano, em certas situações, radicais? Diferentemente das populações que já trabalham, a estabilidade é apenas, neste momento, planos e esperança, é ainda nesse estágio desejo em alcançar algo não materializado, que dentro de todas as intempéries da vida pode incorrer quem sabe até em frustração, quando do choque entre o imaginado e o que de fato se realizou.

Aqui, enfoco a pendularidade da migração estudantil, sabendo que de um modo geral, a migração estudantil em todas as suas tipificações ainda é pouco pesquisada como um fenômeno com suas próprias especificidades, e, por vezes, invisibilizada por conceitos, categorias e paradigmas de diversos teóricos<sup>3</sup> (ROSÁRIO; SOEIRA, 2010). Sem dúvidas um erro colossal, pois os deslocamentos estudantis:

Necessitam ser compreendidos como processo, começo-fim de experiências, movimentos de um lugar a outro e a outros mais, espirais de desenvolvimento pessoal, familiar, econômico, intelectual e social. São as pessoas (seus sonhos e desejos), enlaçadas nas redes familiares e afetivas (seus projetos, aspirações e redes), que dão forma às migrações – sobretudo às estudantis (ROSÁRIO; SOEIRA, 2010, pp. 3-4).

A migração estudantil demandará gastos de dinheiro e de tempo, reestruturando vivências e experiências espaciais que antes eram bem conhecidas dos estudantes, mas agora são ressignificadas em suas prioridades, para que se habilitem a fazer parte de mecanismos de produção que exigem qualificações que primem por um contínuo aprimoramento no nível de instrução formal. Na perspectiva da pendularidade, o ir-e-vir diário dos estudantes perpassa pelo entendimento de que o fenômeno leva à reestruturação de diversos significados diários que se entrecruzam em/nos locais de origem, travessia e chegada, onde

---

<sup>3</sup> Blanco (2000, *apud* ROSÁRIO; SOEIRA, 2010, p. 3), por exemplo, explana que “não são consideradas migrações os deslocamentos turísticos, as viagens de negócios ou de estudo por sua transitoriedade e por não implicar em uma reorganização vital”.



a perspectiva em comum é desenvolver atividades relacionadas ao mercado de trabalho, levando em consideração a importância coletiva e pessoal que ele abarca em nossa sociedade.

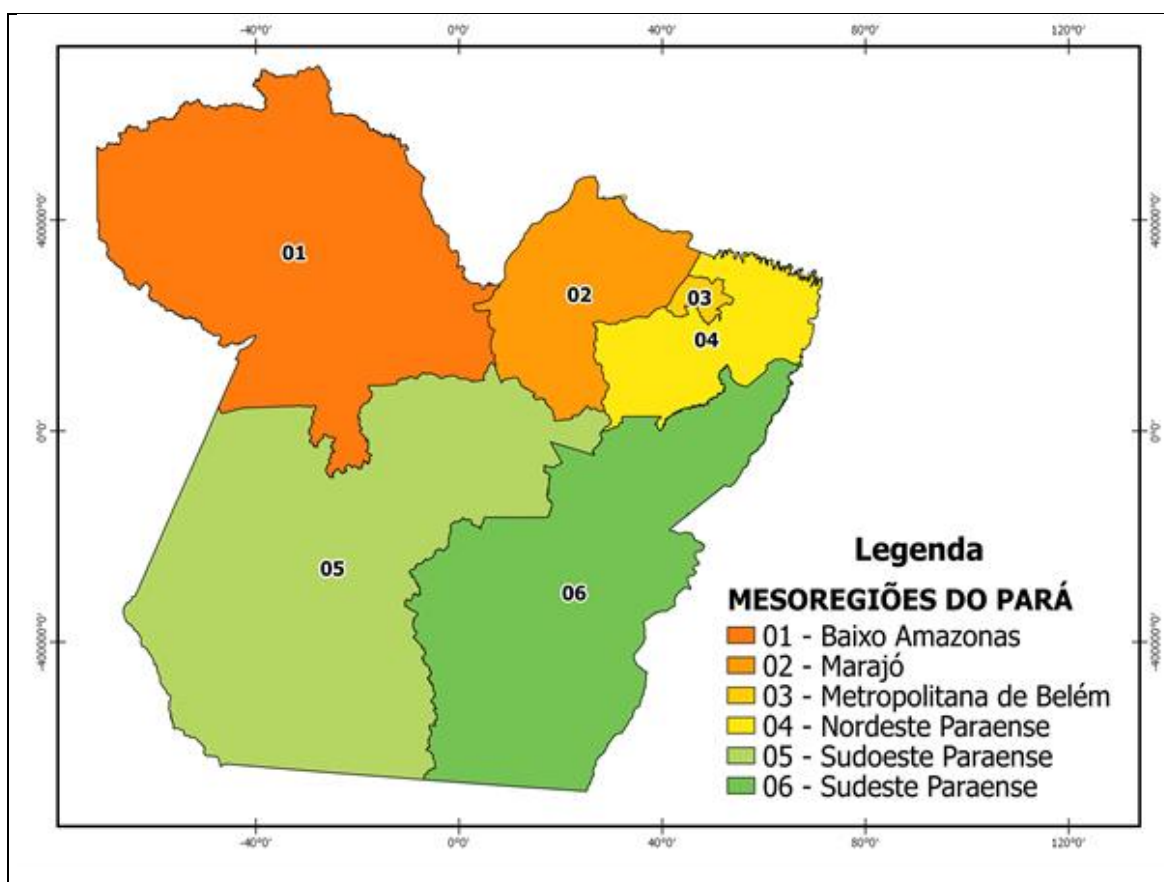
As consequências desta busca incessante por parte dos estudantes que precisam lidar com o cenário migracional são várias, indo além de questões puramente socioeconômicas, pois é real a exposição a várias mudanças que segundo Neri e Pereira (2013), afetam áreas de desempenho ocupacional nas atividades de vida diária, vida prática, vida de trabalho, vida de lazer, etc., e, por conseguinte, podem representar fatores de risco para a saúde, como por exemplo, um possível quadro de estresse. É ressaltado ainda que a experiência migratória estudantil pode “ser tanto benéfica, podendo proporcionar independência e autonomia para o estudante, como também traumática e geradora de perda de saúde e de qualidade de vida. Tudo dependerá da maneira como o indivíduo se adapta à situação” (NERI; PEREIRA, 2013, p. 21).

A adaptação em face de benefícios e malefícios se torna urgente para estudantes pendulares: com o não suprimento de suas expectativas educacionais em sua localidade de origem, o estudante se submete a gastos que muitas vezes excedem suas próprias condições de renda, riscos de acidentes nas estradas, possíveis problemas de saúde devido ao esgotamento físico, viagens até mesmo nocivas à aprendizagem de qualidade, entre outros ônus que atingem a sua vida cotidiana.

Cada vez mais populações estão se expondo a estas problemáticas no Brasil, pois Ojima (2016) coloca que a criação, expansão e interiorização de centros universitários, levam a uma série de análises essenciais para entender o deslocamento populacional como forte percussor na geração de novos padrões de vida e moradia no país, especialmente por meio da pendularidade. Este cenário de movimento populacional de estudantes para responder à diversas cobranças e efetivar sonhos que incluem o planejamento de toda uma nova fase da vida e de experiências, se espacializa com reflexos em regiões inteiras do Brasil e do Pará, impactando e tornando diversas cidades marcadas pela migração estudantil.

Este processo é constatado no Estado do Pará, em pesquisas como a de Oliveira e Oliveira (2013), onde os autores ressaltam que para delinear o papel polarizador de cidades médias paraenses como Santarém, localizada na mesorregião do Baixo Amazonas, é fundamental se remeter ao fluxo de estudantes-migrantes de diversas localidades da região em busca das universidades inseridas na cidade. Bentes e Raiol (2015) mostram que se trata de um fenômeno em plena expansão em diversas mesorregiões paraenses (Figura 02): em outro extremo do Estado, na mesorregião Nordeste Paraense, Vigia de Nazaré, uma cidade considerada de pequeno porte, acaba exercendo um papel de centro polarizador por conta

dos serviços educacionais que atraem significativo contingente de universitários de outros municípios.



**Figura 02:** Mapa das mesorregiões do Estado do Pará.

**Fonte:** Leonardo Santos (2015).

O município de Igarapé-Açu é mais uma das parcelas do interior paraense que compõe todo este quadro migratório-estudantil, devido à instalação do Campus X da UEPA, foco da minha pesquisa. Para Moreira *et. al.* (2013), as motivações deste fenômeno perpassam pelo aumento da demanda por vagas nos campi da capital do Estado, Belém, e de outras cidades que apresentam maior infraestrutura, em conjunto com a falta de instituições de Ensino Superior em cidades menos estruturadas, uma rede de transportes mais bem estruturada e outras questões inerentes ao processo de mobilidade de mão-de-obra na região.

Os autores prosseguem afirmando que com os processos econômicos e sociais formados com o florescer de grandes eixos rodoviários na Região Amazônica<sup>4</sup>, nas últimas

<sup>4</sup> A partir dos anos 1960, segundo Gonçalves (2010) a Amazônia será brutalmente atingida por uma voraz política de intervenção regional de militares e civis do Grande Capital nacional e internacional, onde neste contexto socioespacial, foi perceptível que uma Amazônia mais tradicional e ainda portadora de claras feições da época da colonização apoiada em um padrão rio-várzea-floresta, perdia velozmente espaço para

décadas, as rodovias que cortam o interior paraense têm prestado importante papel como vias de trânsito entre as cidades, fomentando e facilitando a pendularidade. Para minha pesquisa, porém, me proponho a deslocar meu “olhar” geográfico de explicações e motivações diretamente socioeconômicas, para um foco na descoberta das intencionalidades diárias destes estudantes-migrantes que se deslocam rumo à Igarapé-Açu, dos mais variados municípios, e ressignificam e são ressignificados pelas relações que estabelecem com as dimensões simbólicas do Campus.

Nas minhas tentativas de entender tais relações entre estudante-Campus por meio do fenômeno migratório que se estabelece por meio da pendularidade, sou impelido a entrar em confluência com as divagações de Itaborahy (2013, pp. 46-47), sobre a busca por um espaço universitário pelo olhar do estudante:

Passo a perceber a universidade a partir de nossas histórias. Mais, passo a querer cuidar da universidade, reinventá-la. Passo a ver nela uma continuidade. Ao me apropriar, signifiquei, reconheci e experimentei. (...) Construí em mim um espaço em que localizo minhas próprias narrativas, minhas histórias (...). Articular universos dentro do universo. Ampliar as formas de (me) ver (n) o mundo através dos movimentos.

Posso pensar, então, na ocorrência sistemática do fenômeno migratório de universitários e universitárias rumo ao Campus da UEPA de Igarapé-Açu engendrando, como explana o autor acima, um espaço de narrativas e histórias com peculiaridades estudantis, guiado pela cotidianidade pendular de vidas que transcorrem às margens primordialmente de rodovias. Por isso, minhas conversas com universitários e universitárias, nesta pesquisa, foram fundamentais para compreender um espaço marcado por percepções que revelam experiências de constante transitoriedade, como meio fundamental na busca por alcançar oportunidades e, por conseguinte, outra espacialidade.

### **Relação migrante-campus: entre o lugar e o deslugar**

O Campus X da UEPA em Igarapé-Açu tem papel fundamental para estudantes não apenas em nível de reflexos socioeconômicos, mas como elemento que se manifesta na consciência de inúmeras pessoas como a “porta” para enfrentar uma realidade deficitária no Ensino Superior público da região, o que acarretará todo um leque de possibilidades pessoais, familiares e sociais. Esta condição de “porta” para os estudantes-migrantes, inevitavelmente termina por espacializar suas experiências no Campus como tentativas de

---

uma (re)configuração territorial que agora seguiria uma dinâmica estrada-terra firme-subsolo, claramente vista na construção de grandes eixos rodoviários como a Belém-Brasília, Brasília-Cuiabá-Santarém e a transversal rodovia transamazônica.

construção da universidade como um dos seus lugares íntimos. Para Tuan (1983), estes lugares íntimos são espaços marcados pela eventualidade e contato, transitórios e pessoais, nos quais há uma intensa afetividade porque são intensamente memorizados e lembrados.

Identifiquei tentativas de construção do Campus como lugar de maior intimidade, no contexto de pendularidade estudantil, na seguinte fala do estudante-migrante 2:

[...] de um certo modo, a UEPA é um lugar que eu criei vínculos de afetividade [...] outro tempo eu passava pela UEPA e não me via entrando naquele prédio ali [...] [agora] eu me sinto à vontade ali, em todas as áreas, em todos os setores [...]. Apesar do lugar te proporcionar uma sensação de bem ou de mal-estar [...] se eu não me sentisse bem com as pessoas ali seria totalmente diferente meu vínculo lá com o espaço da UEPA [...] o fato de tu se sentir bem, conhecer as pessoas lá, te sentir bem com as pessoas até te incentiva a ir e vir todo o dia (Fala extraída de entrevista realizada em 05/01/2015).

Há a transformação de meros locais de passagens, prédios sem qualquer significado na vida anterior à migração, em lugares como símbolos de uma rotina que anima seus cotidianos por meio da pendularidade. É um fenômeno que marca migrantes e suas relações com os lugares de tal forma, que não se trata apenas de suscitar novas percepções destes consigo mesmo e/ou entre migrantes e outras pessoas, mas manifesta-se a este grupo como os lugares da vida significados como uma espécie de abrigo, um lugar reconfortante construído dentro do trânsito constante entre os municípios.

A relação ser-lugar neste contexto de migração tem sim contornos de funcionalidade, de *estar* em determinado local apenas para alcançar uma meta estipulada como importante pelo migrante, mas é também para além destas considerações, entendido como um centro de bem-estar e bem-querer: é uma reciprocidade onde o migrante significa o lugar e é significado pelo lugar, descobre o lugar e é por ele descoberto, formando ligações de interação que marcam para sempre a vida das pessoas. Um local como o Campus da UEPA de Igarapé-Açu tem um padrão arquitetônico, uma estruturação física, entretanto, para além desta padronização, são as experiências universitárias com ele/nele que suscitaram diversas significações nos indivíduos sobre o prédio: de feiura ou beleza, de arejo ou claustrofobia, de liberdade ou aprisionamento, de eficiência ou deficiência, etc.

O Campus da UEPA como um lugar onde o migrante encontra pessoas que partilham de experiências semelhantes e que o fazem se “sentir bem” lá, é envolvido em noções de pertencimento e enraizamento, uma referência espacial diária com significados de abandono diário do seu lar e da sua cidade, mas encontro com pessoas com as quais partilha familiaridades e vivências diante da transitoriedade pelos espaços, por vezes tão difícil de enfrentar. No Campus da UEPA em Igarapé-Açu, as relações intersubjetivas dinamizam e animam o lugar com conotações de estabilidade e fixidez ante tanta fluidez diária, sendo o lugar do destino da trajetória capaz de ser compreendido como solidez de

*estar* com pessoas visualizadas como um elo extremamente necessário para encontrar, ao menos, uma sensação de segurança no vivenciar percepções de intimidade com o lugar.

Ao discutir sobre essas relações cotidianas que se formam entre os lugares e os indivíduos no mundo contemporâneo, Heidegger (2012) discorre que as construções onde os seres humanos desenvolvem suas atividades rotineiras no âmbito do trabalho, podem criar um sentimento de habitar e não-habitar, onde construir o habitar ganha conotações vinculadas ao ato de *estar* em locais frequentados rotineiramente. O Campus da UEPA como lugar de atração cotidiana dos estudantes-pendulares, gera percepções embasadas num ir-e-vir que forma uma miríade de significações e vínculos em relação àquele espaço e as pessoas nele encontradas, fomentando a ideia de abrigo e reconhecimento em longas porções de tempo no dia, haja vista, o Campus ser vivenciado como um dos lugares que permitem uma rede de afetividades do migrante, ainda que de forma temporária.

Entretanto, minhas conversas com a estudante-migrante 4 revelaram um cenário onde o vínculo com a universidade, convive com percepções que remetem a falta de uma melhor infraestrutura no Campus, sendo necessário levar em conta outros âmbitos:

[...] eu acho o Campus de Igarapé-Açu pobre [...] pobre não de conhecimento, mas de estrutura [...] eu não aconselho ninguém a fazer vestibular pra Igarapé-Açu. [...] Mas tudo vale a pena [...] quando tu passa [no vestibular] tu vê que a felicidade que os teus pais sentem é tão grande que eu não ia falar: “ah mãe, eu não vou [...] pra UEPA de Igarapé-Açu” (Fala extraída de entrevista realizada em 04/02/2015).

A construção do espaço universitário como lugar não conta apenas com as relações afetivas formadas em Igarapé-Açu, mas o fato de a presença da migrante em Igarapé-Açu ser considerada um motivo de “felicidade” tão intensa nos seus laços familiares, bloquearam quaisquer decisões de desistência, de frustração tão forte que tornariam impossível a transitoriedade diária para o Campus. A migrante tem a sua existência envolvida diariamente em um fenômeno típico da vida de vários migrantes: é preciso negociar sua presença nos lugares tão importantes para alcançar o seu objetivo.

Na verdade, há neste processo uma constante necessidade de equilibrar cotidianamente o ir-e-vir com sensações de ônus e bônus e, por isso, constante negociação da relação ser-lugar nos espaços de destino para que os migrantes possa se inserir neles (DAL GALLO, 2010). Ao concordar que esta negociação para atravessar os lugares gera nas pessoas uma sensação de que “tudo vale a pena”, percebi a pendularidade como um ir-e-vir usado como ponte para alcançar os mais variados desejos pessoais e/ou familiares, mas que também desenvolve na lida diária dos migrantes, o paradoxo escolha/imposição.

Neste sentido, é inevitável o constante risco de estudantes-migrantes desenvolverem percepções espaciais diretamente ligadas à possibilidade de uma experiência

migratória vivida em um deslugar, um local esvaziado de um sentido de lugar que deveria conter “o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações (...) relações do dia a dia, do labor, da arte, do lazer, da religiosidade e toda sorte de elementos, em meio à abnegação, ócio e prazer efetivados pelos seres humanos” (MELLO, 2012, p.33). A ausência destes vínculos, perpetra sentidos de uma deslugarização que caracteriza rotinas migratórias em um sentido desagregador nas vivências cotidianas, como coloca a estudante-migrante 1:

O prédio antigo da UEPA para mim representava muito o Ensino Fundamental [...] era como se eu não estivesse numa faculdade porque eu já conhecia bastante o Campus de Belém por conta da proximidade [com santa Isabel do Pará, cidade de moradia] [...] eu não me sentia numa universidade, sinceramente, aí depois houve aquela mudança pro novo prédio, mas mesmo assim eu não me sinto numa universidade (Fala extraída de entrevista realizada em 06/12/2014).

Ausências de *sentir* e *estar* nos locais, trazem à tona o choque entre os sonhos e esperanças que formam a imagem das experiências no Campus, e a realidade marcada pelo sentimento de precariedade com a qual estudantes-migrantes se deparam no espaço universitário. Surge o teor sofrível da migração estudantil: além de lidar com as sensações de ausência e abandono em relação à sua cidade natal, o Campus de Igarapé-Açu expõe também estudantes-migrantes a sérios problemas de pertencimento por não corresponder a certas expectativas.

Neste sentido, reflito aqui juntamente com Saramago (2008), quando entendo que o não-reconhecer um “aqui” ou “ali”, é um dos primeiros traços de um sentimento de *atopia*, o extremo desconforto da ausência de um lugar identificável. O Campus que deveria trazer consigo, ao menos, significados de bem-estar para a presença diária dos migrantes lá, o que poderia atenuar os impactos negativos perpetrados pelo fenômeno migratório, ao contrário, tem a possibilidade de colocar migrantes dentro de um cenário de deficiências, onde o Campus é entendido como um prédio desprovido de afetividade que faça universitários/universitárias minimamente considerarem que estão e vivenciam uma universidade.

O Campus corre o risco de tornar-se o deslugar diário, visualizado inclusive como local sem condições de desenvolver relações afetivas ser-lugar, apontado apenas como um ponto de destino da trajetória cotidiana, um caráter meramente funcionalista, monótono, apenas um prédio deslugarizado porque lá não há um ambiente que favoreça vivências e experiências que representem ao migrante *estar* e *sentir* aquele espaço como *seu*. Poderá, então, surgir a pergunta: Então, por que migrar para lá? Estudantes-migrantes precisarão lidar com esta pergunta, principalmente aqueles e aquelas que conhecem, admiram e

estabelecem comparações com outros Campi, associando estes diretamente a uma melhor estrutura física.

Sem o desenvolvimento de uma percepção que leve universitários e universitárias a se identificarem com o Campus, há risco do surgimento de um Campus entendido como um espaço de menosprezo pelo qual não se luta e, por conseguinte, não são planejadas melhorias. Como evidencia a seguinte fala da estudante-migrante 4: “[migrar] é meio estressante, acaba sendo [...] tem pessoas que vão pra universidade só pra passar ali, pegar o diploma. E tem outras que não, que vão com vontade de estudar” (Fala extraída de entrevista realizada em 04/02/2015).

Neste cenário os estudantes-migrantes são expostos a dois extremos nas percepções espaciais: o Campus pode ser um local simplesmente entendido como um ponto de passagem cotidiano, destino vivido apenas para “pegar diploma”, sem relacionamentos mais afetivos na relação estudante-Campus; num outro extremo, o Campus pode ser, de fato, vivenciado para além de um prédio que fornece aos universitários apenas uma graduação, podendo ser um lugar apropriado como plenamente importante porque a “vontade de estudar” o referencia como um lugar marcante diante das experiências diárias.

Itaborahy (2013, p.43) experimentou estes dois extremos, e nos mostra o quanto é imprescindível a mudança de percepção sobre o espaço universitário:

Estava pouco disposto a experimentar as possibilidades da universidade, que se transformava em um local de passagem. Corria negligenciando os encontros, negligenciando o outro. Corria apagando as geografias de um lugar de pluralidade. No entanto, tomando consciência das possibilidades da minha presença na universidade, via que o “outro lado” convivía com as contradições daquele espaço. A mesma universidade operacional de passagem, poderia ser o território universitário, lugar de encontro e de construção.

A tomada de consciência sobre as possibilidades do espaço universitário, como indica o autor acima, é justamente o desafio ante a migração estudantil, vista como fenômeno necessário para os migrantes em suas rotinas atuais e futuras, e que pode justamente influir na maneira como se irá conduzir este processo, refletindo nos simbolismos que envolverão o Campus em “passagem” ou “vontade”, mal-estar ou bem-estar, insignificante ou significativo por toda uma vida.

É possível constatar a construção de uma espacialidade percorrida e experimentada com percepções que envolvem estranhezas e desilusões, mas também significada como possibilidade que pode ajudar a desembocar num melhor modo de viver. *Estar* no Campus é *estar* em um espaço que guarda consigo perspectivas que situam as experiências pendulares dos estudantes-migrantes entre a lugarização e a deslugarização,

entre a afetividade e a repulsa, manifestadas pela possibilidade de mudanças abruptas nas rotinas e percursos cotidianos, como aponta o estudante-migrante 3:

[...] tu vai procurar um curso que você goste, e vai procurar um local que seja perto para que não fique muito difícil a questão do deslocamento [...] [nesse sentido] a universidade nunca conseguiu me atrapalhar porque eu soube de alguma forma organizar as coisas e saber dividir meu tempo pra tudo isso. Mas quando começou a ir pra outro espaço, o novo campus da UEPA agora, eu fiquei muito triste porque parecia que ia mudar tudo [...] mas eu soube conciliar (Fala extraída de entrevista realizada em 19/01/2015).

A transitoriedade como acesso ao Campus monta um cenário no qual não há muito tempo para permanecer “triste”, demonstrar insatisfação ou vulnerabilidade diante de novas rotinas e percursos que se erguem e que obrigam, por vezes, readaptar experiências construídas tão recentemente. As tentativas constantes de (re)conciliação entre novas e velhas rotinas demonstra o quanto os abalos em percepções sobre o espaço, podem produzir a sensação de que a instabilidade constante é um processo normal na vida do migrante, exigindo desenvolver mecanismos existenciais responsáveis por conseguir fazê-lo “de alguma forma organizar as coisas”.

Dentro deste cenário, se consolidam lugares e deslugares que tiveram suas significações nascidas e fundamentadas não no enraizamento, na fixidez espacial que estabiliza a presença, mas embasadas numa relação migrante-movimento-espaço que coloca o destino diário do trânsito constante, o Campus, enquanto superação de elementos visualizados como barreiras, empecilhos, limitantes espaciais à sua existência, numa ótica em que: “O homem ter uma relação com a Terra não significa que ele esteja encerrado num lugar, mas ao contrário, que sua liberdade se dá na travessia dos lugares, em direção ao distante” (BESSE, 2006 *apud* CAVALCANTE, 2012, p. 53).

Todavia, é preciso admitir que estes processos de lugarização e deslugarização no Campus, tem uma complexidade para além de mero abandono e/ou afastamento de relações, pois também levam em conta:

A existência de símbolos íntimos/individuais e/ou coletivos, a variabilidade e a dependência dos valores, da experiência e da cultura. (...) Símbolos afloram na experiência direta, transmitidos por outras pessoas ou apenas cultuados nos sonhos. Alguns são transitórios, outros imorredouros. Mas permanecem sendo construídos ou esquecidos pelos indivíduos e grupos sociais nos mais diversos lugares, espaços e deslugares (MELLO, 2003, p.70).

O cotidiano de significações espaciais, esvaziadas e/ou preenchidas pelas experiências na UEPA, é um misto de simbolismos construídos e desconstruídos em torno do Campus como espaço que rearranjou não apenas afetividades e/ou repulsas, mas os sentidos que os migrantes colocam como fundamentais para o presente e futuro. Um cenário construído pela relação entre valores e experiências individuais/coletivas que os



estudantes-pendulares construíram anteriormente aos estudos universitários, mas rearranjados porque o Campus como referencial espacial diário em meio à constante transitoriedade, suscita significados que marcarão para sempre suas vidas.

### Palavras como significação do campus e ressignificação da vida migrante

A autora que trago abaixo, traz questionamentos espaciais que me instigaram a pensar na busca por experiências no Campus da UEPA, onde as percepções estudantis precisam lidar com um cotidiano intrínseco a estadia lá:

Que relação é essa que tenho com o espaço? (...) que relação é essa que comporta um sentimento tão forte, mas que em nada se parece com o que sinto quando estou em casa? Nada tem do conforto e da segurança de conhecer tudo que envolve um espaço ao ponto de poder chamar de meu, *meu* lar. Ainda assim é possível estar lá, porque existe um sentimento de segurança e de conforto que vem de outra coisa, que não da certeza do *meu* lar. Que espaço é esse? Como posso denominá-lo? (Grifos da autora, MEDEIROS, 2014, p.12).

Com estas indagações, percebi perspectivas que em muito remetem ao imaginário migrante dos estudantes entrevistados, que por vezes, encaram a universidade como espaço no qual não tem tantos vínculos porque não se trata do seu “lar”, mas por conta do cotidiano de pendularidade, “um sentimento tão forte” termina por se estabelecer diante de certa “segurança e conforto” engendrado pela possibilidade e alcançar uma melhor realidade socioespacial. Em face destas relações com o Campus, como os estudantes-migrantes poderiam “denomina-lo”?

Para tentar responder a esta pergunta, nas conversas com os universitários, pedi para que tentassem resumir em uma palavra o significado do Campus para suas vidas, e acabei encontrando falas que romperam uma simples percepção espacial e foram significativas para revelarem intencionalidades fomentadas por uma vida-no-movimento. A estudante-migrante 1 emitiu a seguinte palavra para designar o que esperava do Campus: “respeito, acho que seria uma palavra que resumiria tudo que deveria ser a UEPA de Igarapé-Açu” (Fala extraída de entrevista realizada em 06/12/2014).

Mas a migrante relatou que não esperava pelo “respeito” simplesmente como um substantivo, mas requeria do seu destino de percurso diário um “respeitar”, verbo de ação: o Campus precisa dar a devida e merecida importância a sua presença, considerar seu esforço de lá chegar todos os dias; não agir contrariamente aos seus estudos por meio de empecilhos, como por exemplo, a falta de estrutura que age como uma verdadeira inibidora de suas

possibilidades; enfim, admitir que a sua existência lá precisa ser valorizada e reconhecida ante o esforço migratório cotidiano.

Tuan (1983) discute estas relações ser-lugar colocando que esta busca por outro e melhor espaço, está implicada diretamente na busca por transcender a condição presente, não apenas em um sentido estritamente material, estrutural, mas na construção de um espaço que tenha significâncias onde *estar* nele é *estar* livre para ter algum poder, seja sobre si mesmo, seja sobre aquilo que está ao redor, ou ambos. Neste mesma perspectiva, o autor expõe como intrínsecas três palavras que percebo serem fundamentais, para a discussão que envolve as experiências espaciais nas relações estudante-migrante-Campus: liberdade, espaço e movimento.

Estudantes-migrantes que empreendem a pendularidade têm no *movimento* diário de ir-e-vir de suas cidades de origem, a possibilidade de experimentar diretamente o *espaço* universitário por meio da constante transitoriedade, sendo neste sentido, um movimento que representa certa *liberdade* como resposta a percepções de inviabilidade e aprisionamento, que seus municípios de residência podem adquirir por não conterem locais que possibilitem o acesso ao Ensino Superior. Todavia, uma vez que há experiências marcadas por percepções remetidas à falta de “respeito”, a tão necessária tríade liberdade-espaço-movimento é afetada, podendo perder seus sentidos em detrimento de uma espacialidade marcada por rotinas traçadas apenas para responder a sonhos e desejos alheios.

É por isso que diante deste cenário, é perceptível a UEPA de Igarapé-Açu sendo “cobrada” para que seja um lugar para além de puro e simples prédio composto por paredes e piso de uma estrutura física sem vida alguma. Cobranças estudantis necessárias, pois o Campus não suscita experiências em um mero “ponto” na rotina espacial, ao contrário, termina por ser um espaço que contribui efetivamente para ressignificações sobre os lugares vividos cotidianamente, porque, afinal, é destino diário onde *estar* lá representa uma vida transitória que impõe um misto entre esperança e possibilidade, em conjunto com desgastes financeiros, corporais, mentais, etc.

Grandes cobranças que são feitas sobre o Campus porque recaem sobre o espaço com grandes expectativas: “[...] em si, ela [a UEPA] representa pra mim uma oportunidade [...] de avançar no conhecimento [...] de acessar o mercado de trabalho [...] posso dizer que ela é fundamental pra mim [...] contribui de certa forma para os sonhos e as vidas de muitas pessoas” (ESTUDANTE-MIGRANTE 2, fala extraída de entrevista realizada em 05/01/2015). Em suma, o espaço universitário, é permeado por aspirações de

melhoria, tornando o ir-e-vir diário “fundamental” para certa sensação de um futuro de esperança.

Esta esperança pode se revelar em um horizonte de risco para as relações ser-lugar desenvolvidas no/com o Campus, pois palavras como “sonhos” e “vidas” são submetidas na existência migrante, a interesses que não primam por vínculos para além de “oportunidade” para “acessar o mercado de trabalho”, fomentando um processo de deslugarização cotidiana sem elos de vitalidade, excitação e sentido afetivo (SEAMON, 2013). Nestes termos, vivenciar espaços considerados intrínsecos à rotina pendular pode atingir os estudantes-migrantes apenas como pressão do mundo externo, colocando a necessidade “de avançar no conhecimento”, como imperativo que independe do possível acarretamento de desconfortos e estranhamentos espaciais, por se passar considerável parte do tempo em um espaço com o qual não há interesse em criar vínculos mais íntimos.

Por essa perspectiva, a estadia constante no destino diário da pendularidade adquire conotações de ambiguidade: é em grande medida, fruto da pressão que o mundo faz sobre o migrante para que tenha um bom emprego, sendo ao mesmo tempo, constitutivo fundamental para fomentar novas e melhores relações com demandas socioespaciais, significando um “portal” de acesso à realização de objetivos de vida. Por conta disso, houve relatos como do estudante-migrante 3, que expõe o destino diário da migração permitindo ao migrante a sensação de mais ter ganhado do que perdido: “[...] na minha vida, a UEPA significa transformação [...] ou então evolução” (Fala extraída de entrevista realizada em 19/01/2015).

Nota-se uma percepção onde ter acesso ao Campus, traz benefícios que acrescentam à vida do migrante, por meio de uma rotina marcada por espaços que proporcionam a possibilidade de transformar e evoluir num sentindo de romper as limitações. Mas a estudante-migrante 4 expõe o preço de experimentar estas percepções por meio do fenômeno da pendularidade: “Se [eu] morasse lá [em Igarapé-Açu] eu iria usufruir muito mais do Campus [...] eu gosto muito dali, apesar de tudo [...] é um lugar que trouxe muito desenvolvimento pra mim” (Fala extraída de entrevista realizada em 04/02/2015). Por um lado, os estudantes-migrantes podem não aproveitar todas as potencialidades possíveis oferecidas à vida estudantil no local, por outro, o Campus só pode ser “um lugar que trouxe muito desenvolvimento” para os universitários por conta da pendularidade como acesso direto à universidade.

A pendularidade, então, se manifesta como a espacialização de um fenômeno que direciona importantes âmbitos a partir do ir-e-vir diário, onde as referências e itinerários espaciais do migrante são qualificados de acordo com as atividades que engendram a sua

presença em determinados lugares. Pensando no transcorrer e implicações destas atividades nas relações ser-lugar, Seamon (2013) propõe o conceito de dança-do-lugar, um misto de variadas rotinas espaço-temporais e danças-do-corpo, colocadas pelo autor, respectivamente, como “um conjunto de comportamentos corporais habituais que se estendem ao longo de considerável porção de tempo” e “um conjunto de comportamentos integrados que sustentam uma particular tarefa ou meta” (SEAMON, 2013, p. 12).

Nesta perspectiva, no movimento empreendido em curtas ou longas distâncias, a pé ou nos mais diversos tipos de automóveis, o corpo<sup>5</sup> adapta-se, vivencia e experimenta, objetivos pré-estabelecidos socialmente de diferentes formas, com diferentes relações sujeito-sujeito, sujeito-grupo, sujeito-espaço. Contando com a ideia de dança-do-lugar, entender a pendularidade sob a perspectiva fenomenológica, ganha força para a compreensão de fluxos individuais/grupais e as estratégias traçadas no intuito de alcançar suas metas, haja vista, os rearranjos atingirem não apenas questões socioeconômicas, mas também sensações, desejos e perspectivas que redefinem a própria maneira do migrante vislumbrar, imaginar e conceber origem-destino pendular nas rotas diárias.

Partir para a compreensão desta verdadeira dança-do-lugar pendular, se torna necessária diante das demandas de uma sociedade contemporânea marcada por implicações lugarizantes/deslugarizantes condicionadas pela mobilidade, as quais envolvem, por conseguinte, planejamentos urbano-regionais que impactam indivíduos/grupos na espacialidade pendular (OJIMA; MARANDOLA JR., 2016). Neste tocante, entender estas trajetórias pendulares, é um importante auxílio para pensar perspectivas que encaram os espaços como união e separação diária na relação dos migrantes com os lugares, onde experiências podem ser vínculos que constroem um espaço universitário como lócus de contínua luta pela sua melhoria porque é importante referencial para a vida, ou desvinculo porque a universidade é vivida como ponto disperso numa espacialidade sem interesse de pertencimento.

### **Considerações finais**

As experiências estudantis reveladas pelas conversas expuseram percepções espaciais construídas como respostas a cobranças do mundo ao seu redor, onde a figura do migrante é envolvida em um ato de migrar vivenciado como a “ponte” direta para mudar e

---

<sup>5</sup> Aqui o meu entendimento sobre “corpo” corrobora com Merleau-Ponty (1999, pp. 194-195), quando afirma que: “enquanto tenho um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo; não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude de minha existência”.

viver sua espacialidade. A pendularidade manifesta-se como um fenômeno entendido como a melhor chance possível de contornar certos cenários de precariedade: os dias de deslocamento para o Campus da UEPA são passos sendo dados que deverão ter como resultado a vitória maior de conseguir o diploma universitário, visualizado como necessário para construir outras experiências, seja na cidade de origem, seja em qualquer outro lugar.

Como apontado pela pesquisa, a pendularidade que possibilita *estar* no Campus, se manifesta como um fenômeno de enfiamento que não envolve apenas possibilidades de mobilidade social, mas caracteriza os locais para além de pontos fixos nos percursos diários: são lugares ou deslugares dispostos no espaço a partir das demandas de um cotidiano de extrema fluidez na vida do migrante. Neste sentido, para pensar estes espaços, é preciso pensar que rumo à universidade em Igarapé-Açu partem alunos e alunas com as mais diversas formas de compreender estes lugares e deslugares, mas partilhantes em comum de uma vida que significa e é significada pelo simples fato de *estar* e experimentar o Campus.

Os diferentes estudantes-migrantes entrevistados, apresentaram percepções espaciais marcadas por uma rotina pendular que envolve o Campus numa espacialidade, onde as relações cotidianas ser-lugar se formam no/pelo ir-e-vir que constitui grande parte das experiências migrantes, pois *estar* nesta transitoriedade constante é ser alguém que se reconhece como transformado por lugares significados pela possibilidade de outro viver. A trajetória para o campus é entendida, como o caminho de uma vida transformada e possivelmente transformadora da espacialidade dos universitários, e o Campus assume papel de uma “porta” pelo qual é necessário passar para poder transformar.

Desse modo, o Campus é percebido e vivido como representante maior das mudanças que transformam a maneira de experimentar o espaço ao redor, centralizando e impactando importantes âmbitos da vida estudantil, numa rotina pendular que possibilita morar na mesma casa, na mesma rua e na mesma cidade, mas impossibilitando ao migrante ser absolutamente o mesmo de antes. Tais discussões e reflexões desenvolvidas neste artigo foram apenas o início de um esforço e, de certo modo, convite para pensar esta espacialização de lugares/deslugares cotidianos como referenciais constituídos dentro da transitoriedade constante, exigindo cada vez mais compreensões sobre um espaço universitário tão impactante nas trajetórias de inúmeros estudantes-migrantes.

---

**University and commuting: spatial experiences in student transience to the campus x - uepa/igarapé-açu (pa)**

**ABSTRACT:** In the municipality of Igarapé-Açu (PA), is located the Campus X, of Pará State University, for which, students undertake the commuting as access to Higher Education. To

understand the reality of student migration, several studies to focus on the perspective that takes into account socio-economic relations that directly involve the search for the labor market. However, searching for the meaning of experiences in spatiality where the university Campus plays a major role, I plotted as main objective to understand the experiences of students-migrants to the space of commuting arrival-departure-arrival in Igarapé-Açu, the Campus UEPA. Using the phenomenological method, I interviewed four students-migrants to understand how commuting implies the meaning of the experiences of these students-migrants with university space. The reports expressed a mix of symbolism around the Campus as space of place/placelessness, rearranging not only affectivity and/or rebuffs, but the sense that migrants pose as critical to the present and future. The commuting ends up space an everyday, with union and separation perceptions in the relationship of the university with spatial reference, hope and affliction at the transient routine, possibilities and limitations of university space through the “eyes” of students that make it a place of meaning for a lifetime.

**Key-Words:** Commuting; Student-Migrant; University Space; Igarapé-Açu.

---

## Referências

BENTES, L.; RAIOL, R. K. S. Os deslocamentos interurbanos em função do acesso aos serviços educacionais especializados: um estudo sobre o município de Vigia-Pará. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 14, Fortaleza, 08-12 de Setembro de 2015. **Anais do XIV SIMPURB**. Fortaleza: UFC/UECE/MAG-UVA, 2015. p. 1-21.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico - 2010**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 13 de Janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Instituições de educação superior e cursos cadastrados**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 de Dezembro de 2015.

CAVALCANTE, T. V. Poética do habitar: pensando a casa como categoria geográfica. **Revista Espaço Acadêmico**: Dossiê – Rastros Urbanos: Encontros, Experiências e Narrativas, Ano 11, n. 132, p. 48-59, Maio de 2012.

DAL GALLO, P. M. **A experiência de ser migrante**: entre identidades e transitoriedades. 2010. 70p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DAMASCENO, M. E. F. Relações de trabalho e qualificação profissional. **Revista de Políticas públicas**, v. 7, n. 1, p.1-13, Janeiro/Junho, 2003.

FERNANDES, M. L. Um outro horizonte em busca da humanização da Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 1, p.78-87, Verão de 2014.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. 8. Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Col. Pensamento Humano). p.125-142.

ITABORAHY, N. Z. Imagens geográficas dos caminhos da pesquisa: confissões cotidianas espacializadas. **Geograficidade**, v. 3, n. 1, p. 39-49, Verão de 2013.

MARANDOLA JR, E.; DAL GALLO, P. M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v.27, n. 2, p.407-424, Julho/Dezembro, 2010.

\_\_\_\_\_; OJIMA, R. Pendularidade e vulnerabilidade na região metropolitana de Campinas: repercussões na estrutura e no habitar urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 16, n. 2, p.185-204, Novembro, 2014.

MEDEIROS, A. L. N. **Tecendo geografias em viagens**. 2014. 143p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas gerais, Belo Horizonte.

MELO E NETO, J. C. **Morte e vida severina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. (Coleção Ponto de Leitura – Objetiva).

MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, espaços e dos “deslugares”. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 64-72, UERJ, Julho/Dezembro de 2003.

\_\_\_\_\_. O triunfo do Lugar sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 33-68.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: \_\_\_\_\_. (Org.). DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 Ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Cap. 3, p. 61-77.

MOREIRA, F. F. *et al.* Mobilidade pendular entre as cidades de Castanhal e Igarapé-Açu (PA) como alternativa para o ingresso no ensino superior. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 13, Rio de Janeiro, 18-22 de Novembro de 2013. **Anais do XIII SIMPURB**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. p. 1-16.

NASCIMENTO, C. L. **A centralidade da epoché na fenomenologia husserliana**. Disponível em: <<http://www.ifen.com.br/artigos/artigo02.pdf>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2015. p. 1-12.

NERI, B. I. S.; PEREIRA, D. C. S. **Nível de estresse de estudantes migrantes: uma proposta terapêutica ocupacional**. 2013. 91p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade da Amazônia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS, Curso de Terapia Ocupacional, 2013.

OJIMA, R. Pessoas, prédios e ruas: por uma perspectiva demográfica dos processos urbanos contemporâneos. In: \_\_\_\_\_. MARANDOLA JR., E. (Orgs.). **Dispersão urbana e mobilidade populacional: implicações para o planejamento urbano e regional**. São Paulo: Blucher, 2016. Cap. 1, p. 17-34.

\_\_\_\_\_. MARANDOLA JR., E. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Dispersão urbana e mobilidade populacional: implicações para o planejamento urbano e regional**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 11-14.

OLIVEIRA, H. E. S.; OLIVEIRA, J. M. G. C. A importância do comércio para o desenvolvimento urbano e regional: uma análise sobre Santarém (PA). In: OLIVEIRA, J. M. G. C. (Org.). **Espaço, natureza e sociedade: olhares e perspectivas**. Belém: GAPTA/UFGA, 2013. p. 53-72.

ROSÁRIO, D. M.; SOEIRA, E. Nômades do saber: um estudo sobre migração estudantil. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS, 5, Maceió, 31 de Agosto à 03 de Setembro de 2010. **Anais do V EPEAL**. Maceió: UFAL/PPGE, 2010. p. 1-13.

SARAMAGO, L. **A topologia do ser**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. São Paulo: Editora PUC; Edições Loyola, 2008.

SEAMON, D. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 4-18, Inverno de 2013.

TOBIAS. A. J. S. **Dinâmica migratória paraense na década de 80**. 2003. 159p. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais – Área de concentração: Demografia) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/ Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE, Rio de Janeiro. Novembro de 2003.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TRINDADE JR., S. C. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n.2, p.135-151, Novembro, 2011.

---

#### SOBRE O AUTOR

FELIPE FERREIRA MOREIRA - graduado no curso de Licenciatura plena em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); atua no desenvolvimento de pesquisas relacionadas com Geografia Humanística/Cultural, com ênfase nas questões migratórias.

---

Recebido para publicação em maio de 2016

Aceito para publicação em outubro de 2016